

Agulha no palheiro: o Sujeito Suposto Saber

Samyra Assad

RESUMO: O trabalho se resume no comentário de dois casos clínicos de crianças, sobre cujos tratamentos o aspecto do gozo da mãe incide, denotando, por essa vertente, o excesso do real sobre o simbólico na subjetividade contemporânea. Uma hipótese topológica borromeana entre mãe e filho é trazida como orientação clínica.

PALAVRAS-CHAVE: sexualidade feminina, gozo da mãe, real, sintoma da criança.

ABSTRACT: The work is summarized in the comments of two cases of children, on which aspect of the enjoyment of the mother focuses on the treatment of children, showing, for this part, the excess of the actual token in contemporary subjectivity. A topological hypothesis borromeana between mother and son is brought as a guide clinical treatment.

KEYWORDS: female sexuality, enjoyment of the mother, real, symptom of the child.

Agulha no palheiro: o Sujeito Suposto Saber¹

Samyra Assad²

Clínica psicanalítica

Começarei por trazer algumas questões quanto ao caso intitulado como: “Quando o excesso comporta a falta”. A princípio, dois termos antagônicos — excesso e falta — parecem articular-se topologicamente, se assim se pode dizer, a partir do verbo “comportar”. Um comporta o outro, tal como se poderia inferir o fora-dentro que a topologia permite visualizar tanto na banda de Moebius quanto na figura do Cross-capt, se se quiser.

E, ainda, pode-se aí supor, nessa mesma configuração ou perspectiva, a definição que Lacan faz do objeto, qual seja, a de que o objeto é a falta do objeto, e mesmo, aquela de que o sentido é a fuga do sentido, ou, o desejo é sempre desejo de outra coisa, e assim por diante.

Resta, portanto, tentar saber como essa configuração, conseqüente e inerente à clínica psicanalítica, se estabelece numa instituição que visa a tratar a demanda de alguns sujeitos que a procuram, e qual seria o lugar do analista para que essa configuração se efetive conforme aquilo que uma orientação lacaniana dispõe para fazer operar o sintoma. Suponha-se, rapidamente, que esse sintoma pudesse ser operado por duas vias, trazidas aqui segundo uma ordem lógica:

- 1) Seja dissolvendo-o a partir de uma interpretação, resultando dele sua verdade poética, e instalando-se, com isso, uma nova ordem da pulsão pela intervenção do simbólico no real: $R \rightarrow S$;
- 2) Seja remetendo-o ao lugar de onde provém, e, nesse sentido, sabe-se como a sexualidade feminina implica, comporta, o sintoma da criança; $S \rightarrow R$.

Pode-se dizer que é com essas instâncias em torno das quais nos havemos com a distinção da transferência nos tempos atuais, ou seja, o impasse resultante do excesso de real em detrimento do simbólico — o inconsciente real predominando sobre o inconsciente transferencial. O desafio passa a ser, exatamente, a busca da agulha do simbólico no palheiro do real, para que, enfim, não se abra mão de que o sujeito, por mais que ele atue, é sempre filho dos efeitos da linguagem.

Caso clínico na instituição: quando o excesso comporta a falta

Parece ter sido essa a prerrogativa que orientou uma colega³ para escutar o excesso de serviços que a instituição oferecia à comunidade e o uso que a mãe da criança fazia disso na coalescência com seu próprio gozo, o seu próprio excesso. Por

outro lado, parece ter havido também um excesso no tempo de permanência dessa criança na instituição, o qual, por sua vez, conduzia a uma certa falta, traduzida aqui pelo enigma da inexistência da construção deste caso, percorridos cinco anos no local. A angústia se inverteu de lugar: ela se alojou nos estagiários que antecederam o atendimento realizado pela colega, pelo fato de eles não terem, até então, extraído algo significativo da história dessa criança.

O que é significativo na história dessa criança? Teria sido o "isso" encarnado em seu próprio corpo, tal como a escuta do discurso da mãe faz perceber (ele tem isso, isso e isso...)? No caso, a criança é quem aponta, com seu corpo, que "isso fracassa", trazendo o que de real esse fracasso implica, que o "isso" implica; *ça rate*⁴ (isso fracassa). A escuta feita diz que "tanto zelo e tanto cuidado dispensados ao filho só faziam encobrir uma grande dificuldade dessa mãe em ofertar a ele a particularidade do seu desejo". Concordo com isso, mas, pergunto então se a própria instituição também não faria encobrir essa dificuldade da mãe, na medida em que ela (a instituição) permite o trânsito dessa mãe pelos diversos serviços oferecidos, de acordo com a sua demanda. Pode-se, portanto, indagar se a instituição, no que tange à proliferação da disponibilidade de atendimentos, favoreceria a não-mediação entre mãe e filho, a partir da sua oferta então, para o exercício do gozo devorador. Tratar-se-ia, por conseguinte, de se verificar se a hipótese relativa ao excesso de serviços não dificultaria a instalação do sujeito suposto saber na transferência que o tratamento visa a operar, dificuldade esta trazida pelo real do excesso, ou excesso do real.

Por outro lado, também se sabe que, numa instituição que aloja a interdisciplinaridade, o sujeito sabe onde caminhar, ou seja, seria um saber decorrente de uma escolha para o seu endereçamento, mas, nesse caso, pergunto se não teria havido um apelo, que chamarei de "apelo-saber" da criança, para se barrar o excesso relativo à devoração materna, quando a criança, por exemplo, pelo viés de uma "primeira mentira", coloca a morte do Outro primordial no lugar de um parente que faleceu.

É verdade: ela mentiu... Esse paradoxo lógico relativiza a noção de verdade e de mentira e conduz às peripécias do inconsciente, às enunciações que implicam um sujeito naquilo que se quer dizer e não naquilo que se diz. Porém, a criança não fez uma passagem ao ato, mas tentou "matar o Outro" com sua mentira, uma forma simbólica talvez de dizer não à invasão do gozo desse Outro sobre o sujeito. De toda forma, o lugar da mentira para essa criança parece ser o de apontar alguma coisa em sua relação com a mãe: ou barrando-a e/ou afirmando o seu próprio gozo.

Seguindo essa vertente, a criança insistia para que a mãe procurasse a analista, depois que esta lhe disse que comunicaria aos seus pais o seu atraso, ou a sua falta de resposta no momento em que foi pega em mais uma mentira, na razão dada para esse atraso. A criança estava brincando, por isso não foi ao atendimento! E assim, “no dia do atendimento, a criança lembrou à mãe sobre o horário marcado, de modo que ela não esquecesse e nem se atrasasse”, e, a partir da sugestão da analista de mudar os horários de atendimento da criança, para que alguém da família ficasse responsável por acompanhá-la até lá, a mãe, portanto, se esquece de acordar o filho no dia marcado para a sua nova consulta e acaba por dizer que ninguém poderia assumir a função de levá-lo... — Que venha a nós o vosso reino então; o esquecimento pode dizer de algo que está bem guardado! Entre mentiras e esquecimentos, efeitos do recalque, parece que se guarda o gozo, mantendo-o intacto em sua produção, esse resto silencioso.

Bem, ao se propor, no final do estágio na instituição, que a criança decidisse onde e com quem ficaria para se tratar, novamente, pode-se dizer, a criança enuncia: “A mãe é quem dará a resposta final”. Se se introduzissem reticências nessa frase, talvez se pudesse vislumbrar a resposta para a separação com o Outro devorador, se a própria mãe se dispusesse a tratar-se. Como nada garante e nem garantiria isso, incluem-se outras reticências.

O fato é que essa criança possibilita supor certa recusa em se tratar e parece também demonstrar, com isso, a sua maneira de se distanciar do desejo devorador dessa mãe — esta seria a sua vitória na luta contra o crocodilo de boca aberta. De certa forma, a recusa em se tratar (falar) assemelha-se à recusa de comer, tal como se estabelece uma primeira solução do sujeito anoréxico para a devoração materna, no sentido de se estabelecer uma separação com o Outro devorador.⁵ De todo modo, pode-se dizer que a criança parece ter endereçado a mãe para a analista, seja com seu atraso, suas mentiras, seja com o seu sintoma e até mesmo na cronicidade enigmática de sua presença na instituição.

Ainda que a criança “melhorasse”, a mãe a colocaria em seu próprio lugar na instituição, pela “facilidade”, não propriamente devido à proximidade do local em relação à sua casa, tal como ela diz, mas pela facilidade de, provavelmente, com isso, não se haver com a própria castração.

Isso talvez se configure como significativo na história dessa criança, a saber, como a mãe a utiliza para tamponar sua própria castração. A saída que a criança encontrou parece ter sido aquela que implicou remeter também a mãe ao tratamento,

ou seja, enquanto ele era trazido como objeto da demanda da mãe, ele não “aparece”, a não ser com o seu corpo, durante cinco anos.

Daí se deduziria um quarto termo que a própria instituição poderia ter como função, ainda que com excesso de serviços oferecidos. Nem o pai consegue fazer dessa mulher, a mãe da criança, a causa do seu desejo; tampouco ela não consegue se colocar nesse lugar, e, certamente, a criança continuará a mentir para que a mãe possa rir (tal como ela sempre faz), para que, enfim, ela sustente o que falta à mãe. Também a criança pode continuar a mentir não somente para que a mãe possa rir, mas para que ela possa ir até a analista, tal como a sequência do relato pôde indicar. E por que não dizer também: essa mentira talvez pudesse ser o modo da criança de apontar como essa mãe é só mãe.

O caso, enfim, permite supor que esteja presente, não como um presente, mas como uma questão atual para essa mãe, justamente, a pergunta que o título de um livro ofertado por ela ao filho traz, a saber: “Porque os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor”? Estaria nisso uma ponta de real que tivesse como resposta um sujeito em questão, diferentemente da resposta tida até agora, que foi a oferta do corpo da criança para a instituição?

Assim, em se tratando da sexualidade feminina, poder-se-ia aí conceber a relação mãe e filho de forma moebiana, em cujo ponto de torção se pudesse trazer o sujeito feminino? Essa proposição seria uma outra forma de dizer da incidência do recalque quando a criança está alienada no desejo da mãe?

Caberá ao analista decidir, até mesmo recusar, a oferta de gozo que a mãe lhe impõe com o corpo do filho, bem como a oferta do enxame de facilidades pelas quais a mãe veicula o seu gozo, via instituição.

De todo modo, é possível provar que ainda que o corpo, no palheiro do real, se imponha, dificultando a construção do caso, nele há uma agulha simbólica, a qual, pela via do desejo de saber, poderá, enfim, colocar um sujeito em questão, tocá-lo, agulhá-lo.

A mãe da mãe do filho

Reservo esse subtítulo para me debruçar sobre o caso que uma outra colega⁶ traz, a respeito de uma criança que apresentava constantes infecções na garganta e, por isso, prostrada, com altos picos de febre. A imunodeficiência primária, característica de uma patologia congênita, foi descartada a partir dos cuidados obtidos para se elucidar a avaliação diagnóstica pediátrica.

É então a escuta das entrevistas com a mãe que traz elementos que, de alguma forma, apresentam certa semelhança com os elementos do caso anterior, a saber, os efeitos que o gozo da mãe tem para o sujeito criança. Ou mesmo, acrescentar-se-ia algo aqui, especificando a interferência da relação de devastação entre mãe e filha, esta que, por sua vez, se tornará mãe, ganhando certa repercussão na criança que ela conceberá, no sentido, principalmente, de mantê-la “doente”, tal como se pode escutar nas entrelinhas da fala dessa mãe quando diz: “Meu filho está sempre doente”.

Por ter a designação de “vadia”, proveniente da mãe da mãe do caso em questão, que chamarei de mãe 1, e sua filha, então, mãe 2, é que, antes mesmo de esta se decidir por se casar com um homem em cujo corpo pudesse encontrar o significante do seu desejo, casou-se para se livrar da mãe 1. A mãe 2 casou-se para se livrar da mãe 1. Não era de se surpreender, portanto, que esse casal vivesse por mais de sete anos em constantes brigas. Freud mesmo já reconhecera a duplicação da relação da mãe com a filha quando esta se casa, “pela primeira vez”, mantendo com o parceiro a relação pré-edipiana vivida com a mãe, fonte de devastação, a qual é retratada, atualmente, no relato da mãe 2, através das violências do marido que lhe são dirigidas. Tudo bem, ela se separou, mas, por que ela falou de tudo isso nas entrevistas com a analista? Qual teria sido, então, o lugar do filho, do caso em questão, na vida dessa mulher? Ou melhor, dessa mãe? Pode-se responder: em sua cama, no lugar que o seu marido ocuparia, pelo fato de ela rezear, vejam só, a crise de febre da criança. Essa criança teria que ficar sempre com febre, então, para encobrir aquilo que a sexualidade dessa mãe apresentava como adoecido, adoecido pelo discurso incorporado da mãe 1, e, por que não dizer, no corpo da criança, seu filho: “A criança é frágil como um passarinho, morre à toa” — ditado da mãe 1 para a mãe 2. Daí o ritual do “espelhinho” para ver se cada filho respirava quando dormia... “Espelhinho” da relação entre mãe 1 e mãe 2, da identificação imaginária mortífera, revestida pelo imperativo de gozo do supereu materno, sob o qual a criança (filho e neto), por sua vez, também se submeteu, oferecendo a sua garganta, padecendo da articulação de suas próprias palavras: outra resposta do real, no corpo.

Na predominância desse real no corpo, como introduzir uma abertura que viabilizasse o deslizamento de uma cadeia inconsciente que, a seu modo, pudesse transformar os atos sintomáticos em palavras?

Talvez o caminho que se apresenta nessa discussão apontasse a direção no sentido de desestabilizar o gozo materno, explorando a sexualidade feminina, tal como a mãe, nesse caso, dispôs nas entrevistas. Talvez essa mãe, a mãe 2 inclusive

em relação aos dois casos que se colocam aqui nesta mesa, tivesse trazido a possibilidade dessa intervenção de forma mais declarada em relação à mãe do caso anterior... Cada caso será um caso, assim como cada mãe será uma mãe, ainda que esta reproduza, de forma mortífera, a relação materna da qual adveio, na trama fálica da sexualidade feminina, no rumo da história das gerações.

Um imperativo no deslizamento dessas gerações parece colocar-se na ordem materna: "seja o que eu falo, seja o meu falo". Não deve ter sido à toa que uma terceira geração pudesse trazer então a produção de uma psicose... Parece que a falha na metáfora paterna vai "ganhando mais força" até se chegar a sua ausência total, para se instalar uma psicose. Talvez uma mãe 3 fizesse do filho a realização do objeto da sua fantasia...

Mas essa criança parece não corresponder a isso, pois, a partir de sua escolha pela fobia e não pela psicose, ela tenta inscrever um nome, dada a possibilidade de fazê-lo pelo viés de uma inscrição construída na repetição de fazer cair os brinquedos ao chão, tal como a escuta desse caso pela colega admitiu acontecer por vários meses. Para não se afastar da agulha do palheiro, diz ela: "Trata-se de estabelecer, através de uma bateria mínima de significantes, de escansões representadas por esse jogo de vai e volta, presença e ausência, os elementos mínimos de uma ordem simbólica".

A consequência disso foi a menor frequência de adoecimento da criança, melhor pronunciamento das palavras, ainda que haja uma discreta dislalia. Enquanto isso, os bastidores apontam a posição da mãe: ela foi acometida de hematomas pela violência do ex-marido e salienta a possibilidade de se desfazer do seu novo parceiro, dizendo que "nasceu para ficar sozinha"...; poder-se-ia ousar complementar: sozinha com a mãe! Ou, com a criança, mas, de todo modo, enquanto mãe. Por outro lado, a criança constrói uma fobia, o medo do trovão, que, segundo o relato, serve para trazê-lo (de volta) para a mãe. No entanto, na sessão com a criança, um avião pode voar, ou seja, a mãe pode também ser mulher.

Porém algo vai e volta também para a mãe, tal como o que se chamou de bastidores mostra. Não seria o caso de também introduzir nesse vai e volta da mãe, uma ordem simbólica? Não estaria aí o pai que permitisse ressituar a criança na família?

Se assim for, seria possível confirmar a hipótese borromeana na relação da mãe com o filho, não descartando o tratamento da criança pelo fato de se evidenciar nos dois casos a preponderância dos efeitos do gozo materno no sintoma do filho,

mas ressaltando um ponto a mais aí: fazer falar a sexualidade feminina da mãe, por ela mesma — uma certa maneira de corte, de recortar a banda.

Isso me faz pensar nos tempos atuais que convocam ao gozo de forma cada vez mais acirrada, principalmente em se tratando de a criança ser um veículo, um meio de uso, um meio de gozo, um meio de consumo. A partir dessa premissa de intensificação do gozo via uma criança, por exemplo, a intervenção proposta se daria, praticamente, pelo viés de um bisturi psicanalítico, tal como essas linhas talvez sugerissem, na medida em que pode parecer que não há tratamento do filho sem o tratamento da mãe. Ou o dentro e fora são a mesma coisa.

Tratar-se-ia de apostar numa nova forma de amarração que tem no seu horizonte o corte, talvez pelo viés da tentativa de uma reinvenção para se catar a agulha no palheiro. Catar a mãe no palheiro do real do gozo. Essa agulha no sintoma da criança.

Belo Horizonte, 30/05/2008.

¹ Este trabalho foi elaborado a partir do convite que recebi de Maria Rita Guimarães para participar do debate de dois casos clínicos que compuseram uma das mesas do Ateliê Clínico do Núcleo de Psicanálise com Crianças, realizado em 31/05/08, na sede da Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas Gerais e do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais.

² Psicanalista, membro da Associação Mundial de Psicanálise e da Escola Brasileira de Psicanálise.

³ Andréa Eulálio. Orientação do caso: Margaret Pires do Couto.

⁴ MILLER, J.-A. Uma fantasia. *Opção Lacaniana*, São Paulo, Escola Brasileira de Psicanálise, n.42, fev. 2005, p. 7-18.

⁵ LACAN, J. *Seminário IV. As relações de objeto*. Rio de Janeiro: J.Z.E., 1995.

⁶ Patrícia Ribeiro.